

Aparecido garante pureza

da água de Brasília

e apenas se queixou de que não estava gelada

"O único problema com esta água é que ela não está gelada", brincou ontem o governador José Aparecido ao beber um copo de água retirada da torneira do laboratório de testes de qualidade da Estação de Tratamento 1 de Brasília. Esta estação fornece água para o Plano Piloto, SIA, Guará, Lago Norte e parte do Lago Sul. Ele viu de perto o andamento das obras de reforma da estação, que estará em pleno funcionamento no início de fevereiro. Aparecido assistiu o teste de um dos filtros da estação, que demorou uns 15 minutos para ser acionada, sob o olhar preocupado dos técnicos, que esperavam ver o sistema funcionar sem falhas para o governador.

O engenheiro responsável pela reforma, Renato Giroux Pinheiro, explicou que a estação não chegou a ser totalmente desativada durante as obras. O que não vem ocorrendo desde que a reforma começou, em 1984, é a filtração de água. A desinfecção, no entanto, jamais deixou de ser feita. Ele não soube explicar, no entanto, como foi possível se recolher uma amostra de água contaminada no Palácio da Alvorada: "Talvez tenha havido incompetência do coletor. Possivelmente ele utilizou um frasco contaminado. Pode ter ocorrido também um vazamento no cano que conduz a água para o Palácio". O que não ficou explicado foi como o dado da contaminação não se repetiu, se a Caesb não procurou saber e corrigir os motivos da alta contagem de coliformes na água do presidente Sarney.

Giroux Pinheiro explicou também os motivos do atraso nas obras de reforma da estação. Segundo ele, houve atraso na entrega de componentes, ou mesmo com o material fora das especificações exigidas pela Caesb, o que atrasou a realização de outras etapas no proces-

so. Mas o grande atraso foi causado por um erro de execução do projeto. Os filtros d'água, grandes tanques forrados com cascalho, têm dois processos de limpeza: um através da inversão no sentido da injeção da água, o que faz com que a sujeira transborde, escorrendo para as canaletas de refiltração; o outro processo, injeção de ar no tanque para expulsar as partículas de sujeira, é feito normalmente com tubos de PVC. Para baratear o custo, a Caesb resolveu aplicar tubos de concreto na condução de ar, o que não deu certo. Os técnicos então tiveram que pensar num outro sistema, que foi conseguido com o jeitinho brasileiro: o tubo de concreto foi revestido com PVC, fazendo com que o sistema voltasse a funcionar.

No final da visita, Aparecido fez questão de dar seu aval à água da cidade. "Se estivesse contaminada, já estaríamos sentindo os reflexos disto, haveria uma epidemia na cidade", disse o governador. Ele afirmou que a estação entra em operação em fevereiro, quando a água da cidade voltará a ser tratada adequadamente, ou seja, além de receber correção com cloro, flúor e cal, ela será filtrada nos tanques de tratamento, eliminando qualquer risco de ocorrência de novos problemas.

Saindo da estação, o que ficou comprovado para a imprensa, é que, como das outras vezes em que houve denúncias de contaminação da água em Brasília, a Caesb não soube ou não quis explicar os motivos e a realidade da situação. Fica a pergunta no ar: se a água esteve contaminada em novembro e ficou limpa em dezembro, alguma atitude foi tomada? A Caesb e seus técnicos negam que tenha havido alguma providência. Então, como a água deixou de estar contaminada?

Ecologista aprova decisão

A maioria das entidades ecológicas de Brasília admirou o ato do governador José Aparecido em destituir a diretoria da Companhia de Água e Esgoto de Brasília (Caesb) como um ponto a mais na transparência das atividades do GDF diante da defesa pública. O que espera agora é um prosseguimento desse ato, ou seja, que o desdobramento técnico do episódio possa garantir que a situação da água em Brasília volte a se normalizar o mais rápido possível.

"Há muito tempo que se vem dizendo da má qualidade da água em Brasília. E se ela está ruim para o Presidente da República imagine como estará para os mais pobres?", indaga José Lucimar Alves de Lira, do Movimento Ecológico de Brasília. Para ele, se alguém do próprio Governo não comunicasse o evento à população, como não o fez a Caesb, "não se saberia hoje dos riscos que estamos passando. E aí é que entra a ação das comunidades de bairro na cobrança de melhorias".

José Lucimar mostrou-se interessado na idéia da Coordenação para Assuntos de Meio Ambiente (Coama), órgão do próprio GDF, a respeito de elaborar um informe ambiental de livre acesso à população. "Já poderíamos fazer isto agora", diz ele alertando para que a comunidade não fique de braços cruzados esperando que o Governo tome a iniciativa sozinho, mas participe diretamente em propostas como essa. Para Eury Pereira Luna Filho, diretor regional da Sociedade Brasileira de Defesa do Meio Ambiente (Sobradinha), a fiscalização da qualidade da água deveria partir principalmente da companhia responsável pelo setor.

"O serviço de uma empresa como a Caesb não é somente o de canalizar a água e montar

um sistema de esgotos, mas também fiscalizar sua qualidade", diz ele. Apesar de Eury ver a medida do governador José Aparecido, de demitir a diretoria da Caesb, como um ato de moralidade administrativa, ele acha "lamentável que isto aflore somente quando se afeta a saúde do Presidente da República. Quando se trata da população de baixa renda o problema é empurrado com a barriga".

H2ORROR

A palavra foi criada por Tetê Catalão, hoje chefe de Gabinete da Fundação Cultural do Distrito Federal (FCDF) (a quem o Núcleo de Meio Ambiente está subordinado) em 1984, como uma forma de denunciar a péssima qualidade da água na cidade. Hoje ela ainda pode ser utilizada, só que desta vez clamando pelo fim do problema. "Os mananciais hídricos da cidade são perfeitos, é uma questão de incompetência técnica não jogar uma boa água para Brasília". Tetê Catalão destacou a coragem do governador em mexer no assunto que já se tornava um tabu para a população.

Ele conta que há três anos acompanha de perto o problema da água em Brasília por trazer dificuldades dentro de casa. "Meus três filhos sofrem de diarreias cíclicas e descobrimos que possuem giárdia em altíssimo grau e eu não sabia exatamente a causa", diz o chefe de Gabinete da FCDF. Ele lembra que mora "em região nobre do Plano Piloto, 714 Sul". "Agora vamos aguardar as decisões técnicas, já que a política foi tomada". O momento, para ele, é de uma postura mais participativa das lideranças comunitárias que podem fazer pressão no Governo visando a solução de problemas como este, lembrando que a questão é de qualidade de vida do homem.